

# A dor do esquecimento

Era uma vez, um casal de idosos, António Maria e Adelaide Cunha, que tinham três filhos e viviam com o mais novo. Porém, as coisas nem sempre tinham sido assim.

António Maria e Adelaide eram um casal da aldeia de Agra. Dois anos depois do seu casamento, tiveram o primeiro filho, Alfredo. Depois dele tiveram mais dois filhos, Catarina, a do meio, e o mais novo, Arlindo, com síndrome de Down. O casal sempre fez os possíveis para dar tudo aos filhos, mas eles não retribuíram o amor que lhes foi dado.

António era militar e por isso não passava muito tempo em casa; Adelaide era jornalista, o que permitia que ficasse perto dos filhos; no entanto, também não passava muito tempo com eles, por excesso de horas de trabalho. Assim, as crianças sentiam-se negligenciadas. O pai tinha uma mente retrógrada e era agressivo, com o seu espírito de militar. Alfredo era uma criança alegre e gostava de cozinhar, não de fazer exercícios físicos, o que causava grande desgosto ao seu pai que era mais agressivo com ele. Catarina tinha a responsabilidade de cuidar do seu irmão Arlindo o que lhe ocupava bastante tempo, impedindo-a de brincar.

António Maria não aceitava Alfredo e este, como não aguentava o ambiente tóxico de casa, decidiu, aos vinte e cinco anos, emigrar para a Alemanha, abandonando, assim, os pais e os irmãos. Durante os primeiros meses sentiu-se bastante sozinho, mas, quando estava a ponderar voltar para o seu lar, encontrou Charles, o seu atual marido. Neste momento, Alfredo tem 43 anos e dois filhos adolescentes. Só vem a Portugal de dois em dois anos, deixa os filhos com os pais e viaja por Portugal com o marido. Segundo ele, a principal razão das visitas tão espaçadas é que as viagens são caras. Os netos ficam em casa dos avós mas, como têm amigos nessa aldeia, raramente estão com a família e não fazem companhia aos avós.

Hoje, já se passaram vinte anos desde que Catarina fez a última visita aos seus pais e por este caminho passará ainda mais tempo sem uma visita. Os anos correm e o casal sente-se cada vez mais sozinho.

Catarina é independente e bem-sucedida, trabalha como bancária e leva uma vida agitada. Perto dos seus trinta anos, decidiu dar a alguém aquilo que ela não tinha tido - amor e carinho - e, por isso, adotou uma criança. Apesar tudo, tem uma ótima capacidade para gerir o seu tempo entre o trabalho, o filho de dois anos e o lazer. Ela não estabelece qualquer relação com os pais. Muito pelo contrário, quer fazê-los pagar por não lhe terem dado atenção durante a sua infância. Se pensa no sofrimento dos pais? Sim. Mas também se recorda do seu, por não ter tido o acompanhamento necessário durante o seu

crescimento. Abandonou os progenitores por ter sido abandonada.

Arlindo vive com os seus pais, na aldeia. Apesar de a situação económica do casal de idosos ser confortável, como já se encontram em idade avançada, não conseguem cuidar de Arlindo sozinhos, porque ele oferece resistência. Não é um rapaz novo, tem vinte e sete anos, e não é apologista das terapias a que vai e que não surtem o devido efeito. Devido, principalmente, à sua deficiência, o filho mais novo do casal é totalmente dependente dos pais, pelo que tem necessidade de residir na sua casa. Tendo em conta os distúrbios psicológicos de Arlindo, a situação agravou-se, tendo tomado novas proporções e chegando mesmo à violência física.

Constantemente, António Maria e Adelaide são agredidos violentamente por tentarem ajudar este seu filho. Apenas não era violento na presença dos irmãos, porque, quando eram mais novos, eram eles que cuidavam dele. Não se habituou à presença dos pais e agora era tarde e não os aceitava.

Os dias de António Maria e de Adelaide decorriam dolorosamente, entre o esquecimento dos dois filhos mais velhos, as agressões do mais novo e a indiferença dos netos.

-

Parte do rendimento salarial do casal era gasto em exames e medicação para Arlindo. Adelaide era quem mais sofria nas mãos do filho. Era agredida constantemente, por não

ter o mesmo espírito ameaçador que António tinha perante o filho.

O casal necessitava da ajuda do Centro de Assistência a Idosos, que diariamente lhes levava as refeições mais importantes. Porém, ainda assim António e Adelaide se sentiam esquecidos. Era como se só eles não existissem naquele mundo, ou fossem simplesmente indiferentes ao olhar daqueles a quem mais amaram...

Adelaide recorria muito frequentemente ao seu médico de família, relatando os abusos físicos, mas pedia para manter o assunto em sigilo.

Passaram-se dias muito dolorosos para o casal, e a única notícia agradável foi que Catarina tinha vindo visitá-los, planejando ficar por duas semanas.

Essas foram as duas semanas mais felizes dos últimos vinte anos de vida do casal.

Arlindo reagira de uma forma confusa à visita da irmã, mas também de uma forma ofegante. Teve também um comportamento acertado com o casal idoso nesse tempo.

Mas passadas duas semanas de alegria e grandes emoções, era esperado que tudo voltasse ao normal. Incrivelmente, isso não aconteceu. Foi como se tivesse aparecido uma luz bem nítida ao fundo do túnel, a luz da esperança!

Adelaide e António ficaram muito confiantes, e com isso Arlindo melhorou muito o seu estado.

Mesmo assim, ainda havia muito trabalho pela frente. A terapia começou a fazer efeito, mas Arlindo não estava a ter uma melhora muito rápida.

O médico de família de Adelaide não se conteve, e acabou por relatar à polícia local tudo aquilo que se havia passado entre o casal e o filho mais novo. Então alguns agentes policiais acabaram por levar Arlindo para um hospital, onde ele seria observado diariamente por um psiquiatra. Era assegurada também a segurança de Arlindo, e este seria tratado com o devido cuidado.

Desde então já se passaram dois anos, e o casal visita semanalmente o filho. Não está ainda totalmente curado da síndrome, mas já desenvolveu a fala melhor do que esperado!

Foi uma fase de escuridão na vida de António Maria e de Adelaide, mas ambos a ultrapassaram. Embora não sejam frequentes as visitas de Alfredo e de Catarina, já é um grande alívio ver o seu filho num estado razoável, e a melhorar a cada dia que passa.

Alunos do 11.º C  
do Agrupamento de Escolas de Arcos de Valdevez  
Gonçalo Veloso, 6.º E  
do Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio, Póvoa de  
Lanhoso